

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE ARTES - IDA
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS- VIS

BENEDITA MÁRCIA MOURÃO DA SILVA

**ATELIÊ DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA: UM ESPAÇO
FAVORÁVEL À APRENDIZAGEM**

Tarauacá
Dezembro - 2012

BENEDITA MÁRCIA MOURÃO DA SILVA

ATELIÊ DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA: UM ESPAÇO FAVORÁVEL
À APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes, pela modalidade Universidade Aberta do Brasil, da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientadores: Belidson Dias, Rosalva Ieda Vasconcelos Guimarães de Castro, Emerson Dionísio Gomes de Oliveira.

Co-orientadora: Rafaela Silva de Sousa

Tarauacá
Dezembro - 2012

Dedico este trabalho a Deus, aos meus pais, cônjuge, filhos e familiares pelo companheirismo e por terem compreendido os momentos de ausência para me dedicar ao curso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por me dar força para superar os obstáculos encontrados durante esta jornada e por todas as vitórias concedidas ao longo deste curso.

Aos meus Pais Manoel Magalhães da Silva e Maria José Mourão da Silva, e meus irmãos Edi, Marcos, Márcio, Michele por estar sempre ao meu lado, pelas orações e pelo incentivo ao longo do curso.

Ao meu irmão Itamar Mourão Rodrigues *in memoriam* que sempre me incentivou a lutar pelos meus sonhos, me enviando forças positivas para lutar pelo acredito, pois sei que ficaria muito orgulhoso em presenciar esta conclusão de curso. Obrigada por tudo, te amarei eternamente.

Ao Lourenço Figueiredo, esposo e companheiro, Pedro Manoel e Davi, filhos amados razão principal das minhas lutas, por sempre suportarem e compreenderem a minha ausência em suas vidas.

Os meus agradecimentos pela colaboração e apoio que recebi de Liberdade de Cássia Viana, Eulaila Maria Hespanhol, Milene Figueiredo, Carla Maria Veras, Maria Ivanete, Maria Nazeanzina, Rayana Mirele e Maria Nileida Nascimento.

Serei eternamente agradecida às amigas Angelina dos Santos Angelim e Maria Sirlene Brandão, parceiras e companheiras por nesses quatro anos estarem ao meu lado, me ajudando e me apoiando principalmente nas horas mais difíceis, pelas conquistas e, sobretudo, pelos desafios transformados em acertos e aprendizado. Obrigado Angelina e Sirlene vocês estarão em meu coração.

Obrigada a todos os meus colegas que, mesmo não estando mencionados aqui, tanto colaboraram para a conclusão deste.

Aos professores do curso de Artes Visuais, pela contribuição que deram a minha formação, criando a partilha do saber, deixo aqui meus sinceros agradecimentos. À coordenação do curso, pela disposição de escuta e pelo apoio de diferentes formas e em diferentes momentos.

Quero expressar o meu reconhecimento e admiração a professora Ms. Iara Carneiro Tabosa Pena, uma pessoa magnífica e de inúmeras qualidades, que me deixa sem palavras para descrever tão imensa gratidão. O meu muito obrigado pela

força, paciência, olhar crítico, carinho e por me ajudar de forma direta e indireta na construção deste trabalho.

À minha querida tutora presencial Maria Eliana Nobre da Costa, por quem tenho eterna gratidão e convicção de que, sem sua ajuda, não teria chegado até aqui. Grata pela dedicação e compromisso com nossa turma, sempre nos encorajando e transmitindo o conhecimento necessário para que chegássemos com êxito nessa caminhada, pelos momentos agradáveis e significativos que revivemos ao longo desses quatro anos.

Aos professores Belidson Dias e Rosalva Ieda Vasconcelos Guimarães de Castro, por contribuírem com esta investigação.

À minha Tutora Rafaela Silva de Sousa, deixo expresso meu muito obrigada pela força e por também me ajudar na construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. AS MUDANÇAS NO ENSINO DA ARTE	9
1.1. As Escolinhas de Artes em 1980	11
1.2. A Escola Parque	14
1.3. A importância de um ateliê para as aulas de Arte	16
2. ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24
ANEXOS.....	26
Anexo A – Frente do Ateliê.....	26
Anexo B – Espaço interno do Ateliê com materiais.....	27

INTRODUÇÃO

A investigação em questão tem como propósito tornar visível a importância de um espaço dedicado à prática da disciplina de Artes Visuais. A preocupação com a falta de um espaço adequado para as aulas práticas de arte levou ao seguinte questionamento: Até que ponto as aulas práticas de arte no município de Tarauacá estão realmente contribuindo para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos? Essa questão foi observada e identificada durante os Estágios Supervisionados em Artes Visuais na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor José Augusto de Araújo, onde se observou que não é disponibilizado aos alunos um espaço adequado para realizarem as atividades práticas das aulas de arte.

Esta investigação tem por objetivo analisar os percursos dialógicos entre a teoria e a prática do ensino de arte utilizando o ateliê. Para tanto, torna-se necessário conhecer as mudanças que ocorreram no ensino das artes, reconhecer a relevância de um espaço físico adequado para aulas práticas de arte, esclarecer sobre a relação de ensino aprendizagem entre teoria e prática para favorecer a produção artística dos alunos e demonstrar como um ateliê pode contribuir no desenvolvimento da prática artística no Ensino Fundamental II. Tudo isso ocorre embasado nas teorias dos autores Belidson Dias, Luciana Mourão Arslan, Rosa Iavelberg, Maria Luiza Fragoso, Ana Mae Barbosa, Maria Heloísa Ferraz, Rufus Boboye Fatuyl e Anísio Teixeira, autores que discutem os conceitos fundamentais do ensino da arte e do ateliê integrando o ensino-aprendizagem dos alunos.

Esta proposta se insere no campo da licenciatura em Artes Visuais por abordar a relevância de um espaço adequado para as aulas práticas de arte. A conquista de um espaço adequado para o desenvolvimento de atividades artísticas justifica a necessidade do uso do ateliê nas escolas. Pois, é notável que um ambiente apropriado, atenda as necessidades específicas das atividades práticas a serem desenvolvidas, visto que o ateliê se caracteriza como o espaço de imaginação e inspiração, um “espaço” necessário na relação de aprendizagem entre o professor e o aluno. Dessa forma, esse espaço serve de apoio para aprofundar nas teorias e no fazer artístico através das atividades práticas.

A utilização dos materiais de artes para as aulas práticas contribui para a ampliação e para o conhecimento dos alunos, visto que a utilização desses materiais

estimula o desenvolvimento cognitivo, despertando sua capacidade de criar, bem como a construção do pensamento crítico e o interesse pelas atividades práticas da disciplina de arte.

Ao longo da investigação, serão apresentadas as seguintes questões:

O capítulo “As mudanças no ensino das Artes” aborda as transformações e mudanças no ensino das artes, dos conceitos associados às diferentes nomenclatura e trajetória histórica do ensino das artes.

O tópico “As Escolinhas de Arte em 1980” propõe uma reflexão dentro de questões que foram de grande relevância para a melhoria do ensino da arte-educação. Além disso, a escola pretendia levar a arte naturalmente à criança de maneira significativa fazendo com que ela fizesse suas próprias formas sem imitações.

O tópico “A Escola Parque” apresenta as Escolas Parque, um projeto político realizado por Anísio Teixeira, que aborda uma educação integral que visava atividades completas de vida, compreendendo assim todo um estudo da vida social e recreativa da arte, visto que era constituída de forma seletiva e indispensável promovendo a educação comum, bem como a atividade e a participação do aluno, estimulando assim a aprendizagem e conhecimento.

E no tópico “A importância de um Ateliê para as aulas de Arte” será abordada a proposta de trabalho, em diálogo com as autoras Luciana Mourão Arslan, Rosa Lavelberg e Maria Luiza Fragoso, ambas discutem e apresentam ideias e conceitos sobre o trabalho com o fazer artístico e a importância de se ter um ateliê para realização das aulas práticas de arte.

O capítulo “Estratégias Pedagógicas” apresenta a metodologia que foi utilizada e como foi conduzido o processo de investigação no presente trabalho.

Portanto, a disciplina de arte além da eficácia entre o sentir, o pensar e o agir, pode gerar interação entre teoria e prática relacionadas à história da arte, às sociedades e às culturas, permitindo uma relação ensino-aprendizagem efetiva, a partir de experiências vividas, que torna o aluno um cidadão ativo, crítico e consciente de suas responsabilidades perante a sociedade.

1. AS MUDANÇAS NO ENSINO DA ARTE

No decorrer da história muitas mudanças ocorreram no ensino das artes, sendo o conhecimento destas fundamental para o conhecimento sobre as formas, as técnicas e a metodologia aplicada nas aulas de arte, principalmente com relação às nomenclaturas existentes no ensino da arte.

Segundo Dias,

Devido à proliferação de nomenclaturas, de novos campos e áreas do conhecimento, a cena cultural contemporânea é marcada pela flexibilização dos rigores dos seus usos, pela justaposição de ideias, aproximação de conceitos e fragmentação de valores (2011, p. 51).

Os termos arte-educação, arte/educação e outras nomenclaturas que o ensino da arte recebe, precisam ser bem compreendidos, pois dependem muito do contexto e nem sempre conseguimos empregar estes termos corretamente. A arte/educação segundo Dias,

[...] é entendida de forma genérica como qualquer prática de ensino e aprendizagem em artes visuais e visualidade, em qualquer relação de tempo e espaço. Já arte-educação está associada às ideias de Arte Educação Pós-moderna em ensino de arte e à influência norte americanas instrucionistas do Discipline-Based Art Education, a partir dos anos 80 até a atualidade (2011, p. 53).

Nesse sentido, foi através das influências estrangeiras, como também brasileiras que se fez presente o ensino da arte no Brasil. No ano de 1971, a educação deu início à sistematização da educação artística; contudo, apesar desse avanço a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional não considerava o ensino da arte como disciplina e sim como uma atividade educativa.

Como explica Barbosa,

[...] a partir de 1971, a educação artística se tornou disciplina obrigatória nos currículos de 1º e 2º Graus. [...] A reforma educacional de 1971 estabeleceu um novo conceito de ensino de arte: a prática da polivalência. Educação artística foi a nomenclatura que passou a designar o ensino polivalente de artes plásticas, música e teatro (2008, p. 10).

Com a obrigatoriedade do ensino de arte, disciplina denominada Educação Artística, nos currículos de 1º e 2º graus, foram expandidas as ofertas de cursos de arte, que eram restritas às escolas tradicionais. A partir daí, estabeleceu-se o

princípio de que o professor de arte deveria ser um especialista e não um generalista, mostrando, assim, a relevância da disciplina.

Todavia, faz-se necessária uma reflexão sobre o que realmente se ensina e sobre as metodologias aplicadas nas aulas de artes nas escolas.

Fusari e Ferraz alertam que,

Quanto à Educação Artística atualmente denominada Educação das Artes Visuais nota-se uma preocupação somente com a expressividade individual, com técnicas, mostrando-se, por outro lado, insuficiente no aprofundamento do conhecimento de arte, de sua história e das linguagens artísticas propriamente ditas. Já a Arte-Educação vem se apresentando como um movimento em busca de novas metodologias de ensino e aprendizagem de arte nas escolas. Revaloriza o professor da área, discute e propõe um redimensionamento do seu trabalho, conscientizando-o da importância da sua ação profissional e política na sociedade (2001, p.21).

Mas, apesar das insistências, os arte-educadores não desistiram de seus objetivos de inserir a arte-educação nas escolas vinculada a uma metodologia de ensino e aprendizagem, visando estabelecer critérios que norteassem o ensino de arte nas escolas.

Após o Estado Novo, em 1947 surgiram ateliês para crianças em várias cidades do Brasil, orientados pelos artistas que tinham como finalidade liberar a expressão, fazendo com que ela se manifestasse livremente sem interferência do adulto, dando lápis, papel e tinta.

Segundo Fatuyll o objetivo do ensino de arte na escola e na sociedade contemporânea é “utilizar a arte como uma força criativa e como um catalisador cultural” (1990, p. 160), ou seja, explorar a arte como uma forma de despertar o interesse do aluno pela sua cultura, sua origem, estimulando a imaginação e a criatividade.

Os alunos precisam perceber como a arte vem rompendo barreiras, desde a Lei nº 5.692/71, que estabelece que o professor de artes deve ser um especialista e não um generalista, pois propõe que o professor tenha uma base sólida de conhecimentos na área que vai atuar; o mesmo deve ser criativo, inovador, responsável e acima de tudo um pesquisador, para não ser um mero transmissor de conteúdos, mas um profissional que esteja atento às inovações que compõem o processo educacional.

A esse respeito, Barbosa ainda complementa:

Como a matemática, a história e as ciências, a arte tem domínio, uma linguagem e uma história. Se constitui, portanto, num campo de estudos

específicos e não apenas em meia atividade [...] A arte-educação é epistemologia da arte e, portanto, é a investigação dos modos como se aprende arte na escola de 1º grau, 2º grau, na universidade e na intimidade dos ateliers (1991, p. 6-7).

Neste sentido é possível perceber que, atualmente, o ensino da Arte já é visto com outros olhos, pois se a disciplina de artes não fosse tão importante não estaria inclusa nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), onde se é destacado que “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1997, p. 30).

Dentro dessa concepção, a arte busca consonância com o desenvolvimento cultural dos alunos através da produção artística, concretizada com valores e significados que permitam o reconhecimento das diversas formas do fazer, considerando todo o contexto da expressão do processo pessoal de aprendizagem.

Em relação a um processo de ensino-aprendizagem significativo, baseado na interação educador/educando, Freire (1987, p. 68) cita que “O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos”. Diante disso, entende-se que o papel dos educadores é de propiciar aos seus alunos oportunidades para que, nos seus processos de aprendizagem e nas atitudes, se transformem em cidadãos críticos e atuantes, sendo essencial essa troca e busca de novos conhecimentos. Desse modo, deve-se mostrar aos alunos que a aprendizagem em arte é muito importante para suas vidas.

1.1. As Escolinhas de Artes em 1980

As Escolinhas de Artes em 1980 foram de grande importância para o avanço do ensino da arte-educação quando se fala em qualidade e diversidade na forma de ensinar, aprender a valorizar as ideias, a criatividade e a imaginação. Elas tiveram um papel muito importante na transformação das metodologias voltadas para a aplicabilidade do ensino de arte-educação.

Segundo Barbosa as escolinhas cumpriram um papel importantíssimo:

As práticas das Escolinhas começaram a se fazer presentes na escola primária e secundária por meio das classes experimentais criadas no Brasil depois de 1958. Convênios foram estabelecidos com instituições privadas

para treinar professores, chegando mesmo as Escolinhas a ser uma espécie de consultores de arte-educação para o sistema escolar público. Até 1973 as Escolinhas eram a única instituição permanente para treinar o arte/educador (1984, pág.15)

O Movimento das Escolinhas de Arte (MEA) só foi possível porque existiam pessoas como Noêmia Varela, Augusto Rodrigues, Lúcia Valentim, Paulo Freire, Margaret Spencer, dentre outros, que muito contribuíram para a democratização do ensino de arte nas escolas. Os teóricos citados propuseram mudanças significativas para o cenário educacional, enfatizando a arte não apenas como uma disciplina, onde o professor ensina e o aluno aprende, mas como um fator de transformação cultural e social que prioriza o ser humano e suas capacidades criadoras.

A arte se faz presente antes mesmo da escola nova, inserida na década de 1930 até os dias atuais, tendo sido valorizada mais a partir da década de 1980, com o Movimento das Escolinhas de Arte, que deu origem a vários questionamentos sobre o ensino da arte na educação, bem como sobre a situação da educação artística como disciplina de fato, com vistas à aquisição de conhecimentos que envolvem tanto sensibilidade como cognição.

Como enfatiza Arslan e Lavelberg,

A partir dos anos 1980, observam-se propostas educacionais em escolas, ateliês e outros espaços de ensino de arte, nos quais os alunos podem conhecer e viver a arte, concebida como conhecimento que envolve tanto sensibilidade como cognição, um saber diversificado em função dos contextos de origem e modificado ao longo da história. (2006, p. 3-4).

Indubitavelmente, as escolinhas exerceram um papel relevante para a educação brasileira, principalmente para o ensino da arte, redescobrimo novos métodos e repensando o papel do educador, valorizando a arte como uma forma de expressão individual que tem muito a contribuir para a formação dos estudantes. Ademais, o intuito das escolinhas não era formar artistas, mas buscar interagir com os alunos levando em consideração as experiências, os conhecimentos que cada um trazia consigo de seu ambiente social e cultural, visando à ampliação desses conhecimentos para que o aluno fosse capaz de enfrentar a complexidade do mundo em que vivia.

As escolinhas contribuíram significativamente para um aprendizado de qualidade nas escolas atuais, dando liberdade de expressão aos alunos, despertando neles um novo modo de pensar e de fazer arte.

No século XVIII, segundo Osinski os românticos “defendiam a valorização dos sentimentos e da disposição pessoal na criação da obra artística, não vendo qualquer sentido no ensino artístico ministrado nas academias” (2002, p. 44), ou seja, os pensadores românticos não eram de acordo com o método artificial que a arte era ensinada e com o distanciamento que a arte causava a sociedade. Eles defendiam que o método mais adequado para se fazer arte era o contato direto com a natureza, visto que arte é a obra feita com competência e talento quando se desenha e projeta.

A metodologia de ensino nas escolas antes do surgimento do Movimento das Escolinhas de Arte (MEA) era simplesmente de levar o aluno a imitar o que via, já recebendo o desenho pronto, fazendo com que a habilidade e competência do aprendiz não fossem desenvolvidas. Entretanto, com o aparecimento do MEA, houve todo um planejamento através da proposta triangular para renovar a grade curricular da disciplina de arte.

O movimento da livre expressão se molda ao modernismo, pela visão de expressão da realidade, junto à emoção em busca do novo, valoriza o procedimento artístico acrescentando a forma original, da percepção pessoal, exigindo a construção do conhecimento.

O MEA buscava ensinar a arte de forma diferenciada, como destaca Azevedo em seu texto “Movimentos Escolinhas de Arte – em cena memórias de Noêmia Varela e Ana Mae Barbosa”, em depoimento Noêmia enfatiza que Read “achava que não deveria levar a criança á imitação, porque a postura da criança diante da arte não era de uma concentração para fazer trabalho como artistas” (AZEVEDO, 2008, p. 235). Uma vez que a capacidade das crianças de expressar sentimentos, sensações e imaginação são extremamente transparentes. Além disso, a escola pretendia levar a arte naturalmente à criança de maneira significativa fazendo com que ela fizesse suas próprias formas sem imitações.

As Escolinhas de Artes foram sem dúvida de grande relevância para a melhoria do ensino da arte-educação principalmente quando se percebe a preocupação com a sensibilidade na criação da arte, através da criação da Metodologia Triangular se destaca os atributos e a variedade de conhecimentos adquiridos com a metodologia utilizada pelos três pilares da abordagem triangular, onde propunha a articulação baseada na: *leitura da obra de arte*, no *fazer artístico* e na *história da arte*, reinventando assim a arte/educação.

Barbosa ressalta que “A abordagem triangular apresenta-se como fato histórico, conceitual e político que alterou sensivelmente os rumos da arte/educação no Brasil, já que a mesma desencadeou um processo de debates sobre a transição entre o modernismo e o pós-modernismo” (2008, p. 254). Neste aspecto, a abordagem triangular sugere uma dinâmica dentro do contexto do ensino de arte de compreensões, norteando para as três ações básicas: o ler, o fazer e o contextualizar, que implicam na história e na análise da ampliação da expressão do modo artístico, compartilhando a relação de como se aprende arte, configurada nos elementos da disciplina que compõe a área.

1.2. A Escola Parque

A Escola Parque ou Centro Educacional Carneiro Ribeiro surgiu de um projeto político realizado por Anísio Teixeira e foi instalada no ano de 1949 em Salvador, Bahia, repercutindo no Brasil e em outros países. Seu nome surgiu de um manifesto que defendia uma educação pública gratuita e obrigatória, originando o “Manifesto dos Pioneiros”. O modelo do sistema escolar de Brasília foi fundamentado no centro escolar de Salvador, que foi um dos primeiros do Brasil, seu propósito foi abrir oportunidades de reconstruir o sistema escolar, buscando assim, contribuir para uma boa formação, dividida em atividades de estudo e trabalho, arte e convivência social.

Como enfatizam Pereira e Rocha

O modelo escolar adotado resgata a ideia de uma educação integral, nos moldes do Centro Carneiro Ribeiro, popularmente conhecido com Escola Parque da Bahia, primeiro centro de demonstração criado por Anísio Teixeira, em 1952 [...] A pretensão de Anísio Teixeira, conforme expresso no aludido documento, era justamente de que o conjunto de escolas proposto para nova Capital servisse de exemplo e demonstração para o sistema educacional do País. Segundo a visão do educador, a instituição escolar, diante das novas exigências impostas pela sociedade em desenvolvimento, deveria atender a necessidade de ensino e educação, e, ao mesmo tempo, à necessidade de vida e convívio social (2012, p.5002).

Assim, a proposta da escola era tornar o aluno um aprendiz disposto a mudanças significativas e relativas ao modo de ensino e aprendizagem construindo assim, uma experiência de vida desenvolvida de forma diferenciada visando atender objetivos modernos.

A Escola Parque tinha uma proposta de desenvolvimento abrangente, pois visava atividades que promovessem a educação comum, estimulando a participação

do aluno e promovendo a aprendizagem e o conhecimento de forma participativa e cooperativa.

Como explicam Pereira e Rocha (2012)

[...] A Escola Parque era referência forte na comunidade. [...] Sem dúvida, a instituição desempenhou importante papel na formação dos alunos, muitos dos quais descobriram a sua vocação a partir das experiências educativas que vivenciaram na Escola Parque e, posteriormente, na vida adulta, destacaram-se como pessoas humanas, cidadãos e profissionais competentes nos diversos campos de atuação (2012, p.5002).

No ano de 2007, o Ministério da Educação, por meio da Portaria Interministerial nº. 17/2007 e regulamentada pelo Decreto 7.083/10, propõe uma estratégia para por em prática a ampliação da jornada escolar, instituindo o programa *Mais Educação*, que objetiva ampliar a jornada escolar dos alunos e relacionar as atividades extracurriculares com a estrutura curricular do aluno no contraturno escolar.

De acordo com as orientações do SECAD/MEC

O Ministério da Educação, por meio das Secretarias de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) e de Educação Básica (SEB), em parceria com o FNDE, retomou esse ideal para, a partir do aprendizado com experiências bem-sucedidas, levá-lo como prática às redes de ensino dos estados e municípios do país.

As experiências recentes indicam o papel central que a escola deve ter no projeto de Educação Integral, mas também apontam a necessidade de articular outras políticas públicas que contribuam para a diversidade de vivências que tornam a Educação Integral uma experiência inovadora e sustentável ao longo do tempo. Com essas premissas, foi instituído o Programa Mais Educação no âmbito do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE/SECAD, 2009, p. 5).

O programa *Mais Educação* foi implantado em Tarauacá em 2011, com o objetivo de promover a educação básica em tempo integral, proporcionando uma melhor aprendizagem em diversas áreas do conhecimento. Nesse sentido, são contempladas pelo programa habilidades em Arte, pois oferece oficinas de pintura, desenho, escultura, grafite, mosaico, fotografia e artesanato cultural. Nesse contexto, o ateliê seria de fundamental relevância para a prática artística dos alunos, visto que favorece a livre-expressão dos educandos e facilita o trabalho do professor.

1.3. A importância de um ateliê para as aulas de Arte

Em entrevista concedida a *Memória Roda Viva* em 1998, Ana Mae Barbosa enfatiza que “Arte não tem estruturas rígidas, mas tem conteúdo”, por isso, “resiste até os dias de hoje porque a arte é o esforço do ser humano para representar o mundo ao seu redor e representar também os ritmos constantes da vida” (BARBOSA, 1998).

Reconheço também a necessidade da inclusão de um Ateliê nas escolas para as aulas práticas de arte; para que os alunos possam expor e produzir seus trabalhos no ambiente adequado para a prática artística. Como Barbosa (1998) afirma “arte é o esforço do ser humano para representar o mundo ao seu redor e representar também os ritmos constantes da vida”, a citação de Barbosa corrobora com a investigação aqui apresentada, por isso é de fundamental relevância as escolas possuírem um ateliê, ou seja, um espaço adequado para que o professor e os alunos deixem fluir suas habilidades nas aulas práticas de arte despertando o seu mundo e “os ritmos constantes da vida”, onde a interação resultará na integração dos alunos e na apreciação dos trabalhos, despertando o interesse pela arte e o gosto pelo fazer artístico.

Segundo Arslan e Lavelberg,

O ateliê coloca os alunos em contato com o processo artístico de criação: desenhos inacabados, idéias em suspensão, dúvidas, pinturas antigas e recentes, obras embaladas, catálogos e tudo o mais que um ateliê oferece. Muito diferentes entre si, os ateliês são espaços privilegiados para qualquer aprendiz (2006, p. 44).

Em conformidade, entende-se que o Ateliê nas escolas é o ambiente favorável para o desenvolvimento das habilidades artísticas dos alunos, propiciando que estes enfrentem as próprias dificuldades e as deficiências existentes no ensino da arte, tornando-os seguros no ato de criar, de ler e de refletir, facilitando a interação com os colegas de forma crítica, possibilitando a igualdade de participação e de construção do saber nesse espaço, levando-se em conta que a disciplina de Arte é tão importante quanto português, matemática e outras disciplinas.

Segundo Fragoso,

O resultado prático produzido nos ateliês também gera conhecimento teórico se o educador estiver sempre disposto a avaliar junto com seus alunos os trabalhos criados, fazendo uma leitura crítica do que foi produzido, fortalecendo a tríade processo-produto-processo.

Em um ateliê, o universo do educando deve ser estimulado, desafiado, confrontado, para que possa enriquecer-se nas suas próprias experiências (2010, p. 191).

Levando isso em conta, Fragoso enfatiza que “a existência destes ateliês motiva e desperta o interesse do educando para as atividades artísticas” (2010, p. 191). Para ela, faz-se necessária a criação de um Ateliê ou um espaço que favoreça os processos de ensino-aprendizagem, permitindo aos professores e alunos instituir melhorias a partir de vivências nas quais seja possível expressar de forma livre momentos de criação, de observação, de diálogos entre teoria e prática e do fazer artístico. Fragoso enfoca ainda que:

A criação de ateliês para o desenvolvimento de atividades de artes visuais nas escolas propicia às crianças e aos jovens estudantes a possibilidade de expressarem-se num ambiente adequado, que atenda às necessidades específicas das atividades desenvolvidas (2010, p. 191).

Essa é uma das razões pelas quais se pode perceber que o Ateliê, é fundamental para o desenvolvimento das aulas práticas de Arte, devido à utilização de diversos materiais que precisam de uma estrutura adequada para serem utilizados, como por exemplo, uma pia para lavar pincéis e vasilhas utilizadas no processo do fazer artístico. Além disso, o Ateliê também se caracteriza como o espaço de reflexão e criação, que oferece mecanismos indispensáveis para a produção artística dos alunos e para o estímulo da criatividade no fazer e no olhar artístico, favorecendo a interação e a aprendizagem.

Sobre o Ateliê, Fragoso (2010, p. 191) observa que “nele, o aluno deve ser colocado em contato com a maior diversificação de materiais, suportes, técnicas e situações – desafios (*sic*), objetivando sempre o seu maior desenvolvimento”.

Com base nessa afirmação podemos perceber que além de um espaço adequado, o professor tem que ter suporte e o conhecimento de técnicas para trabalhar com os alunos.

Para Arslan e Lavelberg, o professor de arte deve:

Oferecer suporte técnico, acompanhar o aluno no enfrentamento dos obstáculos inerentes à criação, na resolução de problemas com dicas e perguntas, fazendo acreditar em si mesmo, no que faz e pensa; propor exercícios que aprimorem a criação, informar com base na história da Arte, promover a leitura e a reflexão conjunta (2006, p. 9).

Sob esse ponto de vista, toda essa experiência que o professor pode oferecer, com uma série de vantagens e de possibilidades, permite ao aluno um

aprendizado mais produtivo na realização de um trabalho de arte, como quando pinta, desenha, se expressa sentimentalmente, ouve uma música, pratica uma dança, etc.

Fragoso enfatiza ainda que:

O ateliê estar exposto a uma grande cartela de opções propicia não só um maior conhecimento prático, mas capacidades cognitivas para manipulação das várias linguagens artísticas.

Dos suportes tradicionais, bidimensional, para suportes mais elaborados onde possam explorar diferentes formas de espacialidade, despertando o interesse para a produção contemporânea de Arte (2010, p. 191).

Ainda com o intuito de caracterizar o Ateliê como um espaço de construção do saber na disciplina de artes, vale ressaltar que, para que as aulas sejam ministradas com sucesso, esse espaço deverá conter pias (lavatório com água), mesas compridas, panos de limpeza, armário para guardar os trabalhos, cavaletes, prateleiras, além de bancos e cadeiras adequados. Deve também dispor de uma grande diversidade de materiais como pincéis, tintas, telas, goivas, etc. Como enfatiza Arslan “um ateliê de arte bem montado deve oferecer um espaço propício para criação” (2006, p. 63), ou seja, permitir que os alunos possam se expressar utilizando os mais diversos materiais, suportes e texturas, e enriquecendo sua aprendizagem e seu conhecimento. Diante desse ateliê montado, o professor pode trabalhar com as técnicas de pintura, gravura e escultura, técnicas essas que precisam de um espaço adequado e organizado, para um melhor aprendizado dos alunos.

Diante disso, Arslan e Lavelberg asseguram que:

A organização do espaço tem que estar relacionada ao tipo de trabalho que se pretende realizar: um espaço versátil, onde os alunos possam interagir com o local, trabalhar em diferentes conformações e agrupamentos. Mais importante que os equipamentos, a sala deve ser aconchegante. Um espaço onde os alunos se sintam confortáveis os levará a cuidar dele. [...] Os trabalhos dos alunos podem tornar o ambiente mais pessoal (2006, p. 63).

É inegável que um espaço adequado é fundamental para a aplicação das atividades práticas nas aulas de arte e que, com metodologias mais dinamizadoras, em que se relacionam teoria e prática, os alunos tendem a assimilar melhor os conteúdos transmitidos, o que foi constatado no Estágio Supervisionado em Artes Visuais 1, 2 e 3. Percebeu-se que os alunos participam mais quando o professor proporciona uma vivência prática dos assuntos abordados, pois eles gostam de

observar, descobrir e experimentar as técnicas utilizadas. Por isso, é relevante proporcionar aos alunos a possibilidade de gerar suas próprias experiências artísticas, através das linguagens plásticas e suas percepções diante das produções artísticas. Assim, podem compreender melhor a educação através da arte, dando-lhe o devido valor.

Para Fragoso,

O fazer artístico significativo representa um encontro consigo. É o momento onde o aluno expressa seus desejos, anseios e posturas diante do mundo. O conhecimento técnico permite a quem desenvolve um trabalho em Arte uma capacidade infinita de possibilidades diante do mundo que o rodeia (2010, p. 191).

Em síntese, visando um fazer artístico significativo, cabe ao professor criar possibilidades para que os alunos expressem seus sentimentos, sintam-se mais empenhados em questionar e compreender melhor as diversas formas de representar a arte através da livre expressão, segundo os seus anseios e assumindo uma postura crítica diante do que lhes rodeia.

2. ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

A investigação desse Trabalho de Conclusão de Curso iniciou-se na disciplina Projeto Interdisciplinar, quando foi proposto a nós, graduandos do Curso de Artes Visuais, que lançássemos propostas voltadas para o âmbito da prática docente, da formação discente e das questões que envolvem o processo interdisciplinar de ensino e aprendizagem em arte. Assim, foi durante a prática dos Estágios Supervisionado 1, 2 e 3 que constatou-se que nenhuma escola do município de Tarauacá disponibilizava para seus alunos um espaço adequado ou Ateliê para a aplicação das aulas práticas de arte. Partindo desse pressuposto, iniciou-se a referida investigação, a partir dos Estágios Supervisionados, que visa esclarecer sobre a relevância da disponibilização de espaços adequados para a disciplina de artes nas escolas.

Foi durante o processo de execução da disciplina Projeto Interdisciplinar 2, em que foi proposto que aplicássemos projetos de arte nas escolas, sendo que apliquei o projeto Pintura Rupestre utilizando o bastão do carvão vegetal, que a falta de um espaço apropriado se tornou uma grande dificuldade vivenciada pelos alunos e por mim. Uma vez que a proposta era fazer a manufatura do carvão com os alunos, o que teve que ser feito em casa, fazendo com que eles perdessem etapas preciosas do processo que poderiam estar acompanhando se esse espaço existisse na escola. A partir daí, ficou evidente a importância de um espaço dedicado a um ateliê na escola, com vistas a facilitar o trabalho do professor de arte, no sentido de poder organizar melhor os materiais a serem utilizados em cada aula, permitindo que os alunos possam manusear com segurança as goivas, as tintas, a argila, tesoura, pincel, terebintina, etc. Como acrescentam Arslan e Iavelberg, “técnicas e materiais são criados em contextos culturais relacionados a modos de fazer arte” (2006, p. 64).

Dentro dessa concepção, é de suma relevância proporcionar aos alunos oportunidades e possibilidades de produzir suas próprias “obras”, por meio da autonomia de materiais e técnicas que estão relacionados com o fazer artístico, pois o procedimento criativo é desenvolvido não só pelos conceitos, mas por fatos subjetivos e objetos que os rodeiam e também pelas imagens que os concebem.

Desse modo, a partir das observações, experiências vivenciadas e com base nas leituras realizadas, constatou-se que é indispensável atender as necessidades do educador e dos educandos nas aulas de arte. E, para tanto, entende-se ser primordial o seu desenvolvimento artístico, físico e recreativo.

Ressalta-se que, para produzir artisticamente é fundamental conhecer, dominar o espaço, integrar o universo da arte, uma vez que o aluno precisa ter confiança e inspiração para exprimir seus sentimentos e impressões diante da obra que está sendo feita.

E desse contexto surgiu à investigação “Ateliê de artes visuais na escola: um espaço favorável à aprendizagem”, para que se possa refletir o quanto os alunos poderiam aprender tendo um espaço devidamente preparado para atender as necessidades supramencionadas relacionadas à prática de arte, pois sabemos que técnicas e materiais necessitam de espaço adequado e equipado. Nesse sentido, se busca uma aprendizagem diferenciada, pautada na construção de uma educação para a prática, que antes era teórica.

Com essa perspectiva se apresenta uma proposta ao processo educacional de reconstrução das práticas didáticas relacionadas à arte. Refere-se ao ato artístico que para aprender necessita executar, experimentar, decodificar e refletir, pois como ensinar práticas artísticas de cunho manual sem contanto com o objeto? Sem errar, acertar.

Em vista disso, podemos perceber que ao ensinar a arte de forma diferenciada podemos interagir com o aluno, levando a demonstrações de expressividade e espontaneidade, uma vez que a ampliação das qualidades o ajudará a compreender a realidade na qual está inserido. Ainda, sobre essa visão se aprofunda na utilidade dos aspectos formais e individuais característicos da linguagem e conhecimento entre o compromisso de desenvolvimento entre professor e aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos fatos encontrados durante a investigação, podemos considerar o contexto histórico da arte, suas especificações e características físicas e teóricas. Desta forma, se faz presente comentar o percurso da arte, pois foi indispensável para o desenvolvimento e o conhecimento do estudo sobre as formas, as técnicas e a metodologia aplicada nas aulas de artes.

O ensino de arte procura conformidade com o desenvolvimento cultural dos alunos através da introdução teórica junto à produção prática, materializada com valores e significados que comportem o reconhecimento das diversas formas do fazer e contextualizar a obra, considerando todo o contexto da expressão do processo pessoal de aprendizagem assegurando a criatividade.

Nesse trabalho, constatou-se que as Escolinhas de Artes exerceram um papel relevante para a educação brasileira, pois mostraram novas metodologias e reformularam o papel do educador e contribuindo para a formação dos alunos, com o pressuposto de que sua finalidade não era formar artistas, mas buscar a interação e ampliação dos conhecimentos e experiências dos alunos, valorizando suas formas de expressão.

Portanto, a presente investigação visou trazer uma proposta significativa para o desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos. Desta forma, a valorização de um espaço adequado propõe ao ensino de arte novas formas de se trabalhar a parte prática, uma vez que, para ter uma boa aprendizagem necessita-se de teoria e prática. Nesse sentido, também se evidencia a utilização de materiais que não se pode levar para a sala de aula, como por exemplo: a prensa, o fogão, cavaletes, água, dentre outros. Necessitando assim, de um espaço adequado para a utilização dos referidos materiais, pois, com esse espaço o professor pode estar trabalhando as técnicas de pintura, gravura, modelagem, dentre outras, com total liberdade de expressão dos alunos, sem se preocupar se a sala vai ficar suja ou não, pois ali será o espaço dos educandos, ou seja, o espaço prático para sua aprendizagem.

Pensando nesse aspecto, houve a necessidade de propor aos gestores, como representantes das instituições escolares, a possibilidade de estar adequando ou construindo um Ateliê com os equipamentos necessários para as atividades práticas,

pois, a utilização dos materiais citados contribui para a ampliação do conhecimento dos alunos.

Diante do exposto, considera-se de fundamental importância a disponibilidade desse supracitado espaço para a realização das aulas práticas de arte, onde os estudantes possam realizar seus trabalhos de forma criativa e o professor tenha a possibilidade e a autonomia de diversificar suas aulas utilizando diversos materiais através das práticas artísticas, o que favorece bastante o ensino e a aprendizagem.

Dessa forma, geralmente se considera que as características físicas dos ambientes educacionais coletivos têm a recomendação de serem estimulantes, e são vistos como um pano de fundo para a interação, ou seja, o espaço tem grande influência sobre o modo com que os alunos, professores e gestores, sentem, pensam e se comportam. Portanto, esses ambientes exercem impactos diretos e indiretos, sobre a forma de aprendizagem dos alunos. Um espaço exclusivo para a realização destas atividades é muito importante para o desenvolvimento da criatividade e da expressividade dos estudantes.

Em suma, conclui-se que através de um ambiente equipado, agradável e favorável, o aluno sente-se mais confiante e inspirado para expressar seus sentimentos e impressões através do trabalho criativo. Sendo assim, a disciplina de arte, além da eficácia entre o sentir, o pensar e o agir, gera a interação entre saber e prática relacionados à história, às sociedades e às culturas, permitindo uma relação ensino-aprendizagem de forma efetiva, a partir de experiências vividas, capazes de tornar o aluno um cidadão ativo, crítico e consciente perante a sociedade.

REFERÊNCIAS

ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **O Ensino de Arte**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

AZEVEDO, Fernando A. Gonçalves. Movimento Escolinhas de Arte: em cena memórias de Noêmia Varela e Ana Mae Barbosa. In: BARBOSA, Ana Mae Tavares. **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARBOSA, Ana Mae Tavares. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Arte-educação: conflitos e acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1984.

_____; **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARBOSA, Ana Mae Tavares. (Org.). **Inquietação e mudanças no ensino da arte**. 3. ed. - São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Depoimento. [12 de outubro, 1998]. São Paulo: **Memória Roda Viva**. Entrevista concedida a Paulo Markun. [on-line] Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/370/entrevistados/ana_mae_barbosa_1998.htm> . Acesso em: 14 set. 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Ensino Fundamental - Brasília: MEC/SEF, 1997.

DIAS, Belidson. **O i/mundo da educação da cultura visual**. Brasília: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.

MEC. Portaria Normativa Interministerial nº 17, de 24 de abril de 2007. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 abr. 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Educação Integral: texto referência para o debate nacional**. Brasília. SECAD. 2009.52 p.: il. – (Série Mais Educação). [on-line] Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8196&tmpl=component&format=raw&Itemid=1072>. Acesso em: 05 out. 2012.

FUSARI, Maria F. de R.; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. Ferraz. **Metodologia do Ensino de Arte**. Maria F. de Rezende e Fusari. – São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

FRAGOSO, Maria Luiza. **Licenciatura em artes visuais: 2º semestre**. Et al.] ; organizadora : Thérèse Hofmann Gatti – Brasília: UAB, UnB, 2010.

FATUYL, Rufus Boboye. **O Ensino de Arte nos Países do Terceiro Mundo**. In: BARBOSA, Ana Mae e SALES, Heloisa Margarido, Eds. *O Ensino da Arte e sua História*. São Paulo: Mac/USP, 1990. p. 158-161.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 37 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **Arte, História e Ensino – uma trajetória**. São Paulo: Cortez 2002.

PEREIRA, Eva; ROCHA, Lúcia. **Escola parque de Brasília**: uma experiência de educação integral. [on-line] Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/457EvaWaisros_LuciaRocha.pdf>. Acesso em: 14 set. 2012.

READ, Herbert. **A Educação pela Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ANEXOS

ANEXO A - Frente do Ateliê



ANEXO B – Espaço interno do Ateliê com materiais

